

O PROCESSO DE BOLONHA E OS CORTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO GOVERNO BOLSONARISTA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

The Bologna process and the courts in higher education of the bolsonarista government: considerations from journalistic texts

Julie Fernanda Ferrari– UFSCar/Campus Sorocaba*

Resumo: A adequação do universitário às necessidades do capital, traçando-lhe um perfil ideal de profissional, apresenta-se como tema recorrente em amplos contextos mundiais. O caso mais recente é o Processo de Bolonha e sua estrutura Tuning de funcionamento, ponto de partida para o presente texto, cujo é analisar as aproximações e distanciamentos das políticas públicas do governo do Presidente Jair Bolsonaro para a educação superior quanto ao contexto liberal e sua projeção ao combate à “ideologia do marxismo cultural” nas universidades. Para tais discussões foram utilizadas as contribuições de Santos (2009), Sobrinho (2007), Robertson (2009), Martins (2011 e 2019), dentre outros, com centralidade aos textos jornalísticos mais recentes de caráter nacional e internacional. Embora se saiba ser importante políticas públicas para a educação superior no Brasil contemporâneo, entende-se que medidas radicais não transversalizadas pelo eixo democrático contribuem para desconstrução de direitos conquistados ao longo da história.

Palavras-chave: Processo de Bolonha. Educação superior. Projeto Alfa Tuning. Governo Bolsonaro.

Abstract: The adequacy of the university to the needs of the capital, outlining an ideal profile of professional, presents itself as a recurring theme in wide contexts worldwide. The most recent case is the Bologna Process and its working Tuning structure, starting point for the present text, which is to analyze the approximations and detachments of public policies of President Jair Bolsonaro's government for higher education Regarding the liberal context and its projection to combat the "ideology of cultural Marxism" in universities. For such discussions we used the contributions of Santos (2009), Sobrinho (2007), Robertson (2009), Martins (2011 and 2019), among others, with centrality to the latest journalistic texts of national and international character. Although it is known to be important public policies for higher education in contemporary Brazil, it is understood that radical measures not transversalized by the democratic axis contribute to the deconstruction of rights conquered throughout history.

Keywords: Bologna process. Higher education. Alfa Tuning Project. Bolsonaro government.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante do curso de Políticas de Educação Superior ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd-So da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *campus* Sorocaba. Retirar a responsabilidade pela demarcação de terras indígenas no país da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e deixar nas mãos do Ministério da Agricultura; flexibilização das regras para a posse de armas de fogo através do Decreto Nº 9.685; alteração da Lei de Acesso à Informação; Reforma da Previdência; extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI); cento e sessenta e seis agrotóxicos liberados somente no ano de 2019, cortes direcionados a educação básica e as universidades do país, estas são algumas das medidas tomadas pelo governo Bolsonaro nos primeiros cinco meses de mandato. Apesar de não ter findado ainda o primeiro semestre de seu mandato, Jair Bolsonaro demonstra através das suas deliberações, decretos e projetos de leis nos diferentes setores da sociedade brasileira quais são suas reais intenções ao comandar a presidência do país. Com uma agenda política que escancara sua aliança com a onda conservadora, com o capital estrangeiro, principalmente o americano, com o setor ruralista e

*Mestranda em Educação pelo PPGED/UFSCar-Sorocaba com Licenciatura Plena em Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: julie_ferrari93@hotmail.com.

empresarial, com a venda da educação pública para empresas privadas em uma tentativa de sucateamento deste bem público ao torná-lo uma mercadoria. A extrema direita conservadora está mais viva que nunca, com uma nova roupagem e mostrando sua perversidade.

PROCESSO DE BOLONHA

O Processo de Bolonha leva este nome, pois denomina o processo em que foi iniciado com a Declaração de Bolonha em 1999. Porém, já no ano anterior, em 1998 “[...] os ministros da educação da Alemanha, França, Itália e Reino Unido assinaram uma declaração conjunta onde perspectivam já a construção de um ‘espaço europeu de educação superior’” (DECLARAÇÃO DA SORBONNE, 1998 *apud* LIMA, AZEVEDO E CATANI, 2008, p. 10). No ano pospositivo,

[...] os ministros de vinte e nove estados europeus, incluindo Portugal, subscreveram a chamada Declaração de Bolonha (1999), onde assumem como objetivos o estabelecimento, até 2010, de um espaço europeu de educação superior coerente, compatível, competitivo e atrativo para estudantes europeus e de países terceiros. (LIMA, AZEVEDO e CATANI, 2008, p. 10)

Em outras palavras, trata-se de “[...] um acordo internacional voluntário, situado fora do quadro de governança da União Europeia, apesar de ser em grande parte impulsionado por interesses dela, e promove diversas iniciativas.” (KEELING, 2006 *apud* ROBERTSON, 2009, p. 410). E como é visto este novo espaço europeu de educação superior em que se estava buscando? Ele é considerado como “[...] ‘a chave para promover a mobilidade e a empregabilidade dos cidadãos’ e para a ‘obtenção de maior compatibilidade e de maior comparabilidade’” (LIMA, AZEVEDO e CATANI, 2008, p. 10). Acredito que a palavra comparabilidade necessita de um pouco mais de atenção. Lima, Azevedo e Catani (2008) destacam que ainda que “[...] se recuse a ideia de simples homogeneização ou padronização” (LIMA, AZEVEDO E CATANI, 2008, p. 10) do sistema de ensino, já que estamos falando de países distintos, cada um com a sua diversidade. Ainda assim:

Insiste-se na harmonização e na necessidade da coordenação de políticas, na promoção da dimensão europeia dos currículos, na cooperação internacional, na mobilidade e no intercâmbio, bem como na cooperação no “setor da avaliação da qualidade, tendo em vista vir a desenvolver critérios e metodologias que sejam passíveis de comparação”. (DECLARAÇÃO DE BOLONHA, 1999 *apud* LIMA, AZEVEDO E CATANI, 2008, p. 10)

O princípio deste processo “[...] consiste em que uma Europa unida e forte depende de uma educação superior que lhe forneça as bases da inovação” (SOBRINHO, 2007, p. 110), ou seja, busca-se alcançar até o ano de 2010:

[...] uma transformação conjunta das estruturas da educação superior europeia, a partir de um marco de referência comum em termos de titulação, níveis de ensino, currículos, sistema de convalidação de créditos, mecanismos de garantia de qualidade e fé pública, facilitação da mobilidade internacional, enfim, uma reforma que seja capaz de superar as barreiras culturais, de idiomas e modelos educativos desse nível e torná-lo mais eficiente e competitivo. Em resumo, trata-se de eliminar as barreiras que impedem a livre circulação de capitais, mercadorias, conhecimentos e pessoas, mais propriamente, dos profissionais. (SOBRINHO, 2007, p. 114)

Sobrinho (2007) informa que foi devido ao processo de globalização que se deu a criação e a construção da União Europeia, como uma forma de ação para que não fosse colonizada pelos Estados Unidos e pelos países da região do Pacífico asiático. Este medo se devia ao fato de a Europa estar “atrasada” no que concerne à tecnologia em comparação com estas potências:

A essa constatação se acresce o diagnóstico de que as indústrias mais ligadas às bases da economia capitalista globalizada (a indústria da informação) e as universidades europeias há alguns anos atrás não estavam adequadamente preparadas para alavancar a via tecnológica. (SOBRINHO, 2007, p. 110)

Em resumo, a União Europeia deveria “[...] tornar-se a economia baseada no conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo, capaz de crescimento econômico sustentável com mais e melhores empregos e uma maior coesão social.” (ROBERTSON, 2009, p. 410). Na dimensão global do Processo de Bolonha, este deveria ampliar seus horizontes, não se restringir apenas às regiões europeias, mas

alcançar outras regiões também do planeta. Lima, Azevedo e Catani (2008) afirmam que em nenhum momento da Declaração de Bolonha há uma tentativa de camuflar a competitividade como seu princípio, além da lógica mercantil que a sustenta, assume-se “[...] com clareza a ideia da centralidade da Europa no fornecimento de serviços educativos, de resto de matiz assumidamente etnocêntrico.” (LIMA, AZEVEDO E CATANI, 2008, p. 11). Sobrinho (2007) destaca que para elevar suas condições de competitividade é necessário que se tenha

[...] atitudes e habilidades socioprofissionais múltiplas e flexíveis aliadas a competências técnicas e científicas que deem conta dos aspectos mais gerais do conhecimento e da atuação profissional e também dos mais específicos e mutáveis. (SOBRINHO, 2007, p. 116)

Porém, o tempo de formação era algo que preocupava, sendo assim com Bolonha ocorre o que pode ser chamado de aligeiramento da formação para atender demandas do mercado. Para tanto, utilizou dos seguintes objetivos e instrumentos:

- 1) Adoção de um sistema comparável de titulações e graus que facilite o reconhecimento acadêmico e profissional nos distintos países membros;
- 2) Adoção de um sistema baseado em dois ciclos (com alguma flexibilidade, 3 anos para o Bacharelado, equivalente a 180 créditos, e 2 para o Mestrado, com 120 créditos);
- 3) Estabelecimento de um sistema comum de créditos (ECTS-European Credit Transfer System), que permita flexibilidade, transparência, transferência, comparabilidade internacional e acumulação;
- 4) Promoção de mobilidade de professores, pesquisadores, estudantes e pessoal administrativo;
- 5) Promoção de cooperação para assegurar a qualidade;
- 6) Promoção de desenvolvimento curricular comparável. (SOBRINHO, 2007, p. 118)

Para ser efetivado na Europa, o Processo de Bolonha, contou com a criação do Projeto Tuning. O nome do projeto *tune* relaciona-se a instrumentos musicais, a afinação que deve ocorrer em uma orquestra (OLIVEIRA, 2017). Ou seja, a ideia é a de que cada país é um instrumento que deve ser tocado individualmente, porém é necessário trabalhar em grupo para no final atingir um objetivo comum, que seja uma orquestra harmônica. Se na Europa o Processo de Bolonha foi consolidado pelo Projeto Tuning, Oliveira (2017) declara que:

Na América Latina esse espaço ainda é inexistente, entretanto, um fator de coalizão que se pode destacar é a inclinação para a influência de blocos regionais economicamente hegemônicos, que desde a segunda grande guerra se dá pelo referencial norte-americano e mais recentemente pelos investimentos e financiamentos do bloco europeu. (OLIVEIRA, 2017, p. 90)

Atualmente,

O número de sócios do Processo de Bolonha e do Espaço Europeu de Educação Superior tem crescido, passando a incluir, em 2009, 46 países com cerca de 5.600 instituições públicas e privadas com mais de 16 milhões de alunos. O Espaço Europeu de Educação Superior inclui a Rússia e o sudeste da Europa; estende-se, assim, para muito além da UE como uma entidade constitucional. (ROBERTSON, 2009, p. 410-411)

Se no Processo de Bolonha temos um movimento de aumentar a mobilidade e a competitividade, na América Latina, de forma geral, ainda temos um movimento de possibilitar a democratização do acesso, de assistência estudantil, programas de ações afirmativas e de inclusão social.

A PERSEGUIÇÃO ÀS UNIVERSIDADES FEDERAIS

Desde o princípio de seu governo, Jair Bolsonaro, esteve envolvido em polêmicas no campo da educação. A revista *Época* (2019) elencou oito principais que ele se meteu antes mesmo de chegar aos primeiros seis meses de trabalho, sendo elas: menos investimentos em ciências humanas; punição a 'balbúrdia' das universidades federais; corte orçamentário em todas as federais; cortes de bolsas da Capes; varrer a 'ideologia' no Enem; punir alunos agressores; filmar alunos cantando hino, e por fim mudar livros didáticos. Em um governo se utiliza basicamente das redes sociais como meio de comunicação, através de um vídeo publicado no Facebook no mês de abril, o ministro da Educação, Abraham Weitraub anunciou a redução dos investimentos nos cursos das universidades públicas da

área de ciências humanas, alegando sua decisão baseada na medida tomada pelo Japão. Segundo o ministro "O país, muito mais rico que o Brasil, está tirando dinheiro público das faculdades tidas como para pessoas que já são muito ricas, ou de elite, como Filosofia." (ÉPOCA, 2019, s/p) e ainda acrescentou que o dinheiro deve ser colocado em faculdades que geram retorno de fato, como: enfermagem, veterinária, engenharia e medicina.

Bolsonaro não se opôs ao Weitraub, e ainda destacou que "a função do governo é respeitar o dinheiro do contribuinte, ensinando para os jovens a leitura, escrita e a fazer conta e depois um ofício que gere renda para a pessoa e bem-estar para a família." (ÉPOCA, 2019, s/p). Essa desvalorização do papel das ciências humanas na sociedade demonstrou o viés autoritário do atual governo, além de trazer à tona seu interesse em perseguir todo e qualquer processo de formação que possibilite o pensamento crítico. Sua decisão acabou mobilizando 11 mil acadêmicos de universidades de diferentes lugares do planeta que publicaram no jornal francês Le Monde (2019) um manifesto se opondo aos cortes. Tratam-se:

[...] de intelectuais de Harvard, Princeton, Yale, Oxford, Cambridge, Berkeley, e de instituições brasileiras como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Brasília (UnB), entre outras, assinam o documento. (FÓRUM, 2019, s/p)

Henry Giroux, pedagogo e crítico americano, em entrevista para o El País (2019) criticou o ataque às universidades através dos cortes em seu financiamento, segundo o acadêmico o intuito final é que estes espaços deixem de ser centros de pensamento. Durante a conversação, ele resgatou que o movimento de cortes não está acontecendo apenas no Brasil, Donald Trump também anunciou que no ano de 2020 irá reduzir sete bilhões de dólares destinados a estas instituições de ensino. Segundo Giroux (2019):

A universidade deveria ser um espaço para o diálogo. As universidades cada vez mais funcionam como empresas, não contratam intelectuais para liderá-las, e sim CEOs. Os alunos viraram clientes. Os jovens são um valor no qual vale a pena investir, um investimento longo. Mas os políticos, tanto de esquerda como de direita, só procuram resultados de curto prazo. (GIROUX, 2019, s/p)

Após o anúncio dos cortes nas ciências humanas, houve a declaração de que as universidades sofreriam mais um ataque, pois segundo o então Ministro da Educação é necessário se combater a balbúrdia nestas instituições. Em um primeiro momento, apenas três universidades tiveram seus investimentos reduzidos, sendo elas: a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Já a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, estava sob avaliação. Para Weitraub o ambiente universitário está tomado por eventos ridículos, usando dinheiro para fazer bagunça, tomada por sem-terra e que há gente pelada dentro do campus. (ESTADÃO, 2019). Esta medida foi mais uma vez vista como negativa por toda a comunidade acadêmica, sendo assim o Ministro explicou que não se tratava de um corte, mas sim de um bloqueio que "[...] atingiu apenas 3,4% do orçamento total das federais', totalizando cerca de R\$ 1,6 bilhão." (ÉPOCA, 2019, s/p), sendo 30% de gastos considerados não obrigatórios, que inclui "[...] contas de água, energia elétrica ou de fornecedores, como os de limpeza e segurança." (ÉPOCA, 2019, s/p). E que não atingiria apenas aquelas três universidades supracitadas, mas todas as universidades federais.

Para provar como tem sido contraditória a agenda política do atual presidente, este anunciou cortes para além da educação superior, estamos falando de "[...] ao menos R\$ 2,4 bilhões para investimentos em programas do ensino infantil ao médio." (ESTADÃO, 2019, s/p). Apesar de durante toda a sua campanha eleitoral ter afirmado que era prioridade do seu governo a educação básica. Segundo Freitas (2019, s/p) o governo Bolsonaro tem um marca, joga-se "camuflado" ou dando "pistas falsas", trata-se de um governo *fake* que de um lado tenta desorientar a oposição e de outro mantém seus apoios eleitorais por ter uma "[...] tática política diversionista com o objetivo de esconder as reais posições de ataque e reinar na confusão." (FREITAS, 2019, s/p). Em outras palavras,

[...] tenta-se separar Bolsonaro das más notícias como se ele estivesse tomando medidas duras que não gostaria de tomar. Com isso, repassa para os Ministros o custo das medidas com o objetivo de preservar sua base eleitoral. Tem sido assim com a reforma da previdência e agora com os cortes na educação. (FREITAS, 2019, s/p)

O sociólogo César Callegari em entrevista para a Carta Capital (2019) destacou que já tivemos cortes substanciais na educação no governo Temer. E que foi prosseguido neste governo como um grande projeto de desmonte da educação pública, para ele a educação não deve ser priorizada visando apenas o desenvolvimento econômico, mas sim com “[...] a finalidade última da própria sociedade. Ela tem como consequência o desenvolvimento das forças produtivas, a diminuição das desigualdades, a redução da violência, a melhora das condições de saúde.” (CARTA CAPITAL, 2019, s/p). Como uma forma de resposta a todas essas medidas apresentadas anteriormente, no dia 15 de maio deste ano manifestações “[...] atingiram 222 cidades nos 26 estados e no DF.” (G1, 2019, s/p). Em síntese, neste momento

Bolsonaro diz que os bloqueios de verbas são necessários, e chama os manifestantes de 'idiotas úteis' e 'massa de manobra'. No plenário da Câmara, o ministro da Educação explica o contingenciamento, e culpa Dilma e Temer. [...] O ex-presidente Temer deixa a prisão. 'Prévia' do PIB aponta recuo da economia no 1º trimestre. (G1, 2019, s/p)

Foi em Dallas que Jair Bolsonaro comentou as manifestações, onde estava para receber uma homenagem. Apesar de inicialmente ter dito que é natural ocorrer manifestações, em seguida completou afirmando que a maioria era de militante e ainda questionou a inteligência dos alunos, afirmando que “[...] Se perguntar 7 x 8 não sabe. Se perguntar a fórmula da água, não sabe. Não sabe nada. São uns idiotas úteis, uns imbecis que estão sendo utilizados como massa de manobra de uma minoria espertalhona.” (G1, 2019, s/p). E ainda ao receber estudantes de uma escola privada, se referiu as manifestações como “[...] movimento do pessoalzinho que eu cortei verba” (FOLHA DE SP, 2019, s/p). Para Jessé de Souza “Um idiota de verdade no comando da nação é um preço muito alto até para uma elite e uma classe média sem compromisso com a população nem com a sociedade como um todo”. (SOUZA, 2019, s/p). O Prof. Dr. Marcos Francisco Martins publicou um artigo no site Pragmatismo Político em que apresenta os dois sentidos da palavra idiota, coloquial e histórica, e a partir disso traz possibilidades para que se qualifique quem é e quem não é o “idiota” no contexto atual. O presidente utilizou o termo no sentido coloquial da palavra “[...] para designar aquele ou aquela que carece de inteligência, de discernimento; o tolo, ignorante, estúpido, inculto.” (MARTINS, 2019, s/p). O professor destaca que esta palavra é lamentável quando é dita por qualquer cidadão, e ainda mais quando falada pelo presidente da república se referindo a comunidade escolar que estava manifestando, e ainda complementa afirmando que “[...] não é isso o que se espera do comportamento republicano do chefe de uma nação que se quer minimamente civilizada” (MARTINS, 2019, s/p). Agora, ao analisarmos a etimologia da palavra de origem da Grécia Antiga, vemos que:

[...] havia um grupo de políticos que, mesmo gozando de condições econômicas (ser proprietário para dispor de tempo a dedicar à vida política), sociais e culturais de poder ajudar no gerenciamento da cidade, de participar de seu governo, negava-se a isso e se recolhida na pequenez da individualidade, evitando o diálogo público [...]. A esse grupo de indivíduos os gregos chamavam de “idion”, do qual derivou, historicamente, a palavra “idiota” em português. Portanto, “idiota” é palavra que, para além do uso coloquial que dela se faz, reporta-se a alguém que se nega participar do exercício do governo, da dinâmica da vida política que define os rumos da vida de uma coletividade social. (MARTINS, 2019, s/p)

Nunca se teve tão escancarado o quanto pensar criticamente é perigoso, “Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política” (MARTINS, 2019, s/p) declara Bolsonaro na posse de Weitraub. Qual é o real problema da garotada se interessar por política? O medo da criticidade e a defesa de uma escola “neutra” são defendidos por projetos como “Escola sem partido”. Segundo Freire (1984, p. 89) “Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitissem às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica.”

PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS ENTRE BOLONHA E O MOMENTO ATUAL POLÍTICO DO BRASIL

Em um primeiro momento, gostaria de destacar que em nenhum momento pretende-se fazer uma comparação entre o Processo de Bolonha e o Brasil. Em contrapartida, reconhece-se que o continente europeu e o continente americano tem suas particularidades. Sendo assim, em seguida serão elencadas proximidades e distanciamentos entre eles. Entre o início do Processo de Bolonha e o atual

governo temos uma década de distância, vivemos em uma era globalizada. Podemos ver por trás tanto de Bolonha quanto nos cortes do governo um grande interesse do mercado. Mercado este que traça um perfil do trabalhador ideal e este perfil foi mudando no decorrer das décadas, e ainda é constantemente mudado dependendo da necessidade. E acaba sendo papel das instituições de ensino reproduzir os interesses do capital, segundo Milton Santos (2009):

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2009, p. 19)

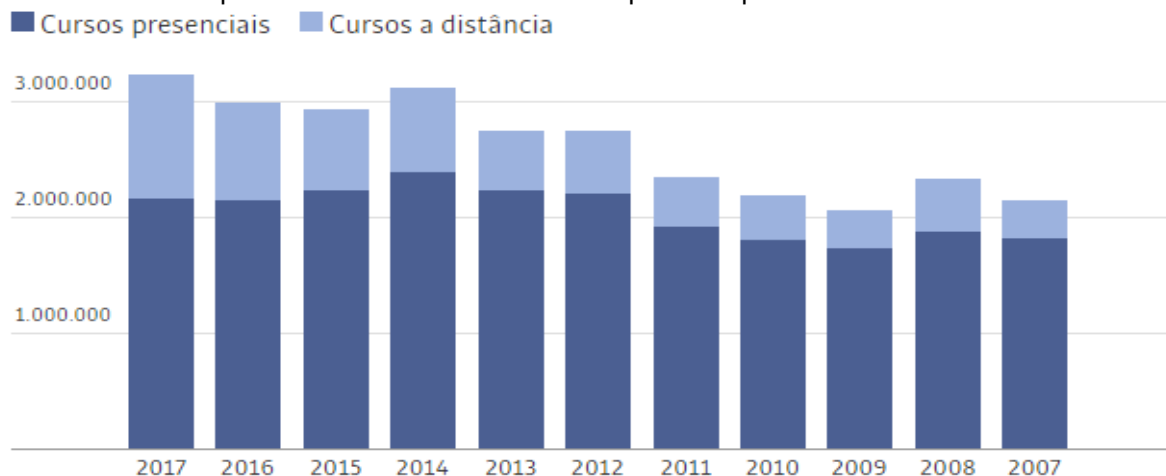
Isto é, quando o ministro da educação afirma que a universidade está tomada de sem-terra, de pessoas nuas e traça um perfil do universitário atual vemos que com os cortes ele queria “castigar” as universidades pela “balbúrdia” e demonstrar que aquele perfil de pessoas não seria tolerado. Assim como quando falamos que o desejo da união europeia era de unificar as universidades para que desta forma pudesse haver compatibilidade e comparabilidade, não podemos deixar de dizer que é outra forma de desenhar um perfil ideal de universitário, um currículo e formas de avaliar, estamos falando atualmente de quarenta e seis países integrantes no Processo de Bolonha. Com esta imensidão de instituições, como delinear um padrão quando se tem esta rica diversidade de sujeitos? Em ambas as situações, temos o que Milton Santos (2010) chama de perversidade sistêmica, reflexo da globalização, para o geógrafo:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2010, p. 20)

A competitividade está presente em ambas as situações. Acredito que a questão central é pensar que tipo de universitário se pretende formar. É uma mão de obra rápida para o mercado de trabalho? Ou um ser pensante que seja capaz de refletir não só sobre o papel que desempenhará no mercado de trabalho assim como seu papel na prática social? Quer dizer, trata-se de se adaptar às necessidades do capital ou possibilitar o questionamento e a transformação social? Quando consideramos que:

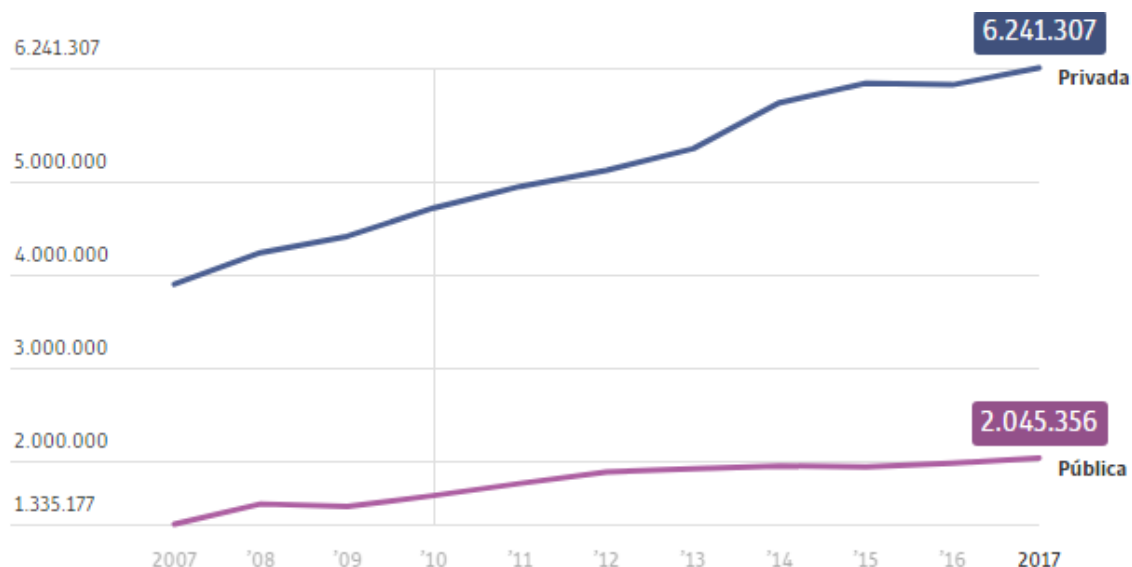
[...] a educação é determinada e determinante pela estrutura social é considerar que esta não vive isolada, mas sim que a educação é uma *práxis*, isto é, a educação é uma ação teórico-prática, que se manifesta na realidade concreta da vida social como processos de ensino-aprendizagem, por meio dos quais se procura efetivar o ideal de homem segundo as necessidades de uma determinada formação econômica e social ou, valendo-se da liberdade humana, questiona o ideal vigente e lhe propõe outros, mobilizando as vontades e as convicções de sujeitos individuais e grupos sociais até transformar suas ações. (MARTINS, 2011, p. 550)

Um distanciamento entre os dois blocos é que de um lado temos todo um processo de discussão, mobilização e interesse em mudar a realidade de dezenas de unidades de ensino superior possibilitando, por exemplo, com mais facilidade a mobilidade a seus estudantes. E de outro lado temos cortes substanciais no orçamento das universidades que são direcionados a gastos não obrigatórios, porém básicos para o funcionamento de qualquer instituição, como: água, energia, produtos de higiene etc. O que demonstra um total processo de regressão e desrespeito a educação pública. Outro distanciamento entre eles é o desejo de aligeiramento da formação de seus discentes no Processo de Bolonha, conhecido como 3+2+3, em que três anos são destinados para a graduação (licenciatura), dois anos para o mestrado e mais três anos para o doutorado. (AZEVEDO, 2010, s/p). No Brasil, isso não ocorre. O tempo de graduação e pós-graduação ainda são muito diferentes. Segundo dados do Censo da Educação Superior - Inep analisados pela Folha de São Paulo “O número de alunos matriculados no ensino superior aumentou 3% em 2017, após estagnação no ano anterior. O crescimento, no entanto, só ocorreu na modalidade a distância.” (20.9.2018, s/p). Além de que o número de matriculados em instituições privadas aumentou em detrimento das universidades públicas. Seguem dados abaixo que comprovam estes dados:

Gráfico 1. Matrículas por modalidade de ensino na rede pública e privada

Fonte: Folha de S.Paulo (2018). Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/ensino-superior-volta-a-crescer-no-pais-mas-so-na-modalidade-a-distancia.shtml>. Acesso em: 26 jun.2019.

Gráfico 2. Matrículas em cursos de graduação, por rede

Nas universidades públicas, crescimento foi de 53%

Fonte: Folha de S.Paulo (2018). Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/ensino-superior-volta-a-crescer-no-pais-mas-so-na-modalidade-a-distancia.shtml>. Acesso em: 26 jun.2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais destacando que a temática não se esgota com este artigo, e demanda uma pesquisa ainda mais aprofundada. Já que este é resultado do conteúdo trabalhado durante um curso e as medidas tomadas pelo então governo do Brasil estão apenas começando. Conclui-se a partir desta análise que há uma tendência muito grande de atrelar a educação superior única e exclusivamente para suprir as constantes necessidades do mercado, esta visão mercantil acaba contrariando o caráter universal desta etapa de formação. Em outras palavras, é necessário formar os jovens para ingressar no mercado de trabalho, e esta formação tem que estar inspirada nas competências de eficiência e eficácia da lógica neoliberal.

Não há uma preocupação em nenhum dos casos com uma formação integral do estudante universitário, uma formação que extrapole a mão de obra rápida e eficaz. No processo de Bolonha Ensaio Pedagógicos (Sorocaba), vol.3, n.2, mai. - ago. 2019, p.69-77

temos um aligeiramento da formação, ou seja, é necessário que se formem com mais rapidez. E nos cortes às universidades temos um desejo de conter a construção de um pensamento crítico e transformador. As universidades públicas do Brasil têm sido perseguidas seja por ser um ambiente heterogêneo, democrático ou pela autonomia dos professores em debater e possibilitar o conhecimento de temas diversos. A leitura que podemos fazer do período atual é que se por um lado estamos diante da possibilidade de um imenso retrocesso no campo da educação superior, por outro, temos a necessidade de uma organização coletiva em defesa dos direitos sociais básicos, ameaçados no cenário político atual do Brasil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.L.N. Processo de Bolonha. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO*. trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

BRASIL. *Decreto nº 9.685, de 15 de janeiro de 2019*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9685.htm. Acesso em: 05 jun. 2019.

CARTA CAPITAL. *Callegari: "O projeto é o desmonte da educação pública"*. Rodrigo Martins. 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/callegari-o-projeto-e-o-desmonte-da-educacao-publica/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

ÉPOCA. *Oito polêmicas das políticas de Bolsonaro para a educação, alvo de protestos nesta quarta*. BC NEWS BRASIL, 14/05/2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/05/oito-polemicas-das-politicas-de-bolsonaro-para-educacao-alvo-de-protestos-nesta-quarta.html>. Acesso em: 05 jun. 2019.

ESTADÃO. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA. Renata Agostini, *O Estado de S.Paulo*. 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,meccortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 26 jun.2019.

ESTADÃO. Na contramão do discurso oficial, MEC congela R\$ 2,4 bi da educação básica. Isabela Palhares, *O Estado de S.Paulo*. 04 de maio de 2019. Disponível em: https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,na-contramao-do-discurso-oficial-mec-congela-r-2-4-bi-da-educacao-basica,70002815259?fbclid=IwAR3D0rLpBfFOYCKNlt1epP5N_AzWMjGj7XMT2nC-RwoXFfH9Dx1f7Z1wcYo. Acesso em: 05 jun.2019.

FOLHA DE SP. *Ensino superior volta a crescer no país, mas só na modalidade a distância*. Thaiza Pauluze e Angela Boldrini. São Paulo e Brasília. 20 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/movimento-do-pessoalzinho-que-eu-cortei-verba-diz-bolsonaro-sobre-manifestacoes-de-estudantes.shtml>. Acesso em: 26 jun.2019.

FOLHA DE SP. *'Movimento do pessoalzinho que eu cortei verba'*, diz Bolsonaro sobre manifestações de estudantes. Daniel Carvalho, Brasília. 18 maio de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/movimento-do-pessoalzinho-que-eu-cortei-verba-diz-bolsonaro-sobre-manifestacoes-de-estudantes.shtml>. Acesso em: 26 jun.2019.

FÓRUM. *Intelectuais das principais universidades do mundo assinam manifesto contra Bolsonaro*. 6 mai de 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/intelectuais-das-principais-universidades-do-mundo-assinam-manifesto-contrabolsonaro/>. Acesso em: 26 jun.2019.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREITAS, L.C. Cortes na educação: um governo "fake"? *Avaliação Educacional*. Luiz Carlos de Freitas. 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2019/05/15/cortes-na-educacao-um-governo-fake/>. Acesso em: 05 jun.2019.

G1. *Manifestos pela educação*. 15 de maio de 2019. Redação do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/2019/05/15/quarta-feira-15-de-maio.ghtml>. Acesso em: 26 jun.2019.

GIROUX, H. *A crise da escola é a crise da democracia*. O professor Henry Giroux no pátio do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona. In: *Él País*. Juan Barbosa, 14 mai de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/09/internacional/1557407024_184967.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR0b4zkkcNEE1gCq050SdqOeM8QLFzj7haGZTZ2JGYD-lbfxXtBv1wHleb4. Acesso em: 05 jun.2019.

LE MONDE. *La sociologie et la philosophie sont menacées au Brésil*
L'éducation est une ressource économique et une valeur démocratique. 6 mai 2019. Disponível em: <https://internationaledugenre.net/liste-des-signataires-contre-le-projet-de-jair-bolsonaro-de-supprimer-les-subsidies-publiques-destinees-aux-etudes-de-sociologie-et-de-philosophie/>. Acesso em: 26 jun.2019.

LIMA, L. C.; AZEVEDO, M.L.N.; CATANI, A.M. O processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 13, p. 7-37, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v13n1/a02v13n1.pdf>. Acesso em: 26 jun.2019.

MARTINS, M.F. "Idiota" é quem me diz! In: *Pragmatismo Político*. Redação Pragmatismo, 20 de maio de 2019. Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/05/idiota-quem-me-diz-bolsonaro-professores.html?fbclid=IwAR2afAwN0-9SSEHCV3ecVF8wAAowOWB5Bi-76hjtjplPjjZOMfzWFS7D_wc. Acesso em: 20 mai.2019.

MARTINS, M.F. Gramsci, os intelectuais e suas funções científico- filosófica, educativo-cultural e política. *Pro-Posições*, v. 22, n. 3, p. 131-148, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643249>. Acesso em: 20 mai.2019.

OLIVEIRA, L. T. C. O Projeto Alfa Tuning na América Latina: sintonização do currículo de educação superior latino-americano ao europeu (Cap.3). In: OLIVEIRA, L. T. C. *Política de educação superior: do Processo de Bolonha ao Projeto Alfa Tuning América Latina*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

ROBERTSON, S. L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? *Revista brasileira de educação*, v. 14, n. 42, p. 407-422, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a02.pdf>. Acesso em: 20 mai.2019.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 18ª. *Ed. Rio de Janeiro: Record*, 2009. p. 17-36.

SOBRINHO, J.D. O processo de Bolonha. *ETD-Educação Temática Digital*, v. 9, n. esp., p. 107-132, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/730/745>. Acesso em: 20 mai.2019.

SOUZA, J. "Um idiota no poder é um preço alto até para a elite e a classe média", diz Jessé Souza. In: *Pragmatismo Político*. Redação Pragmatismo. 20 maio de 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/05/idiota-poder-elite-classe-media-jesse-souza.html>. Acesso em: 27 jun.2019.

Recebido em: 03.07.2019

Aprovado em 30.07.2019